ISBN Nº: 978-65-89908-84-5

RACISMO E INDÚSTRIA DA MAQUIAGEM: A PELE COMO SÍMBOLO DA IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS RETINTAS.

XXII ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO MINAS GERAIS: Produzindo vozes em tempos de necropolítica, 0ª edição, de 04/09/2021 a 07/09/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-84-5

SILVA; Daiana Candida da [1]

RESUMO

Almeida (2018) define o racismo como uma violência baseada no conceito de raça que se manifesta por meio de atos escancarados ou inconscientes de discriminação direcionados a determinada pessoa ou grupo. Na civilização ocidental essa maneira sistemática de violação de direitos se volta para a população negra, visto a política mercantilista e colonizadora que promoveu a escravização de negros africanos por meio do arrebatamento forçado destes para diferentes partes do mundo, incluindo para o continente Americano (ALMEIDA, 2018). E nesse contexto mulheres negras foram duplamente punidas, pois eram alvo das mais diversas violências físicas impostas pelo sistema escravagista, mas também pela via da coação sexual, já que os senhores de engenho ao considerá-las como mercadoria de livre uso e domínio, se apropriavam de seus corpos para a satisfação sexual (GONZALEZ, 1984). Contudo, mesmo que mulheres negras nos dias atuais estejam posicionadas em condições de vida distintas, ainda carregam as consequências desse passado histórico. Isto posto, além de serem desvalorizadas em diferentes domínios sociais, também sofrem inferiorização no âmbito estético, enquanto mulheres brancas representam o padrão de beleza idealizado (CARNEIRO, 1995). Portanto, pode- se concluir que os ataques direcionado a aparência de pessoas pretas ocorrem há séculos e possuem raízes históricas (QUEIROZ, 2019). Como consequência do racismo estrutural mulheres negras no Brasil são constantemente assoladas pela destituição de direitos. E nesse sentido a violência ocupa um papel de centralidade que se manifesta nas diferentes esferas da vida dessa parcela da população, incluindo no âmbito estético. Pois, historicamente mulheres pretas são distanciadas do ideal de beleza que em contrapartida promove a valorização de traços eurocêntricos. Assim, as manifestações racistas também se direcionam a imagem dessas mulheres e podem ser observadas em diferentes espaços, tal como na indústria de maquiagem. Portanto, esse estudo se volta para a compreensão das bases racistas que fundamentam o fornecimento de maquiagem para mulheres negras, sobretudo as de pele retinta, dado que segundo a lógica do colorismo quanto mais pigmentada a pele, maior os efeitos da exclusão sofrida no meio social. ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018, pg.25-38. CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. In: Revista Estudos Feministas. v.3 n.2, Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p 544-552. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16472. GONZALEZ,

[1] PUC MINAS campus Poços de Caldas, daianacandida12345@gmail.com

Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Ciências Sociais Hoje, 1984, p.226-234. Disponível em: file:///C:/Users/ferna/Downloads/5-Racismo-e- sexismo-na-cultura-brasileira-Artigo.pdf. QUEIROZ, Rafaele Cristina de Souza. Os efeitos do racismo na autoestima de mulheres Negras. Cadernos de Gênero e Tecnologias, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 213-229, jul./dez. 2019, p.217. Disponível em:https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9475. Acesso em 16/03/21.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo estrutural, mulheres negras, colorismo, maquiagem

[1] PUC MINAS campus Poços de Caldas, daianacandida12345@gmail.com